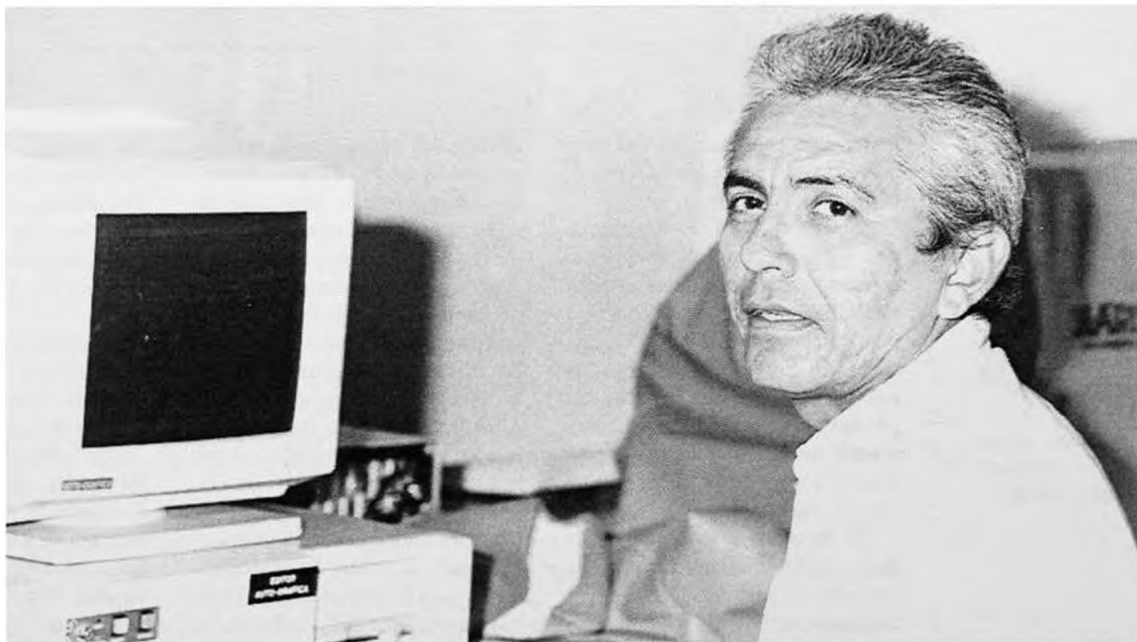


A voz firme de Tom Barros esconde a simplicidade do jornalista com mais de vinte anos de batente. Homem e mito misturam-se no radialista que passa emoção na medida certa.



TOM BARROS

Os mil “Tons” e os dons geniais do homem que dá vez e voz ao público

Quizeram os deuses que Orfeu - filho de Apolo e sacerdote de Dionísio, músico prodigioso que, quando cantava e tocava sua lira, atraía mulheres, homens animais, plantas e, até mesmo, pedras - habitasse a Terra sob a alcunha de Tom Barros. Motivo do epíteto: um outro Tom - o Jobim - fazia enorme sucesso em 64, quando o radialista cearense começou a trabalhar.

Ainda na infância, vivida no bairro da Gentilândia, o menino cabeça-chata já se mostrava diferente dos colegas, pobres mortais! Entre um “racha” e outro com os amigos, ele gostava mesmo era de subir numa mangueira, improvisar um microfone, com uma lata de óleo Pajeú, e narrar o jogo. O danado Francisco Antônio apenas ensaiava seus primeiros passos na profissão que iria abraçar posteriormente.

Tom Barros costuma dizer que tudo na sua vida aconteceu por acaso. Mas os deuses bem sabem o caminho que traçam para seus filhos. Com uma sabedoria transcendental, eles puseram nas mãos hábeis do destino o futuro profissional de Tom. Foi como se dissessem: “Encantarás as pessoas não só através da música, mas por meio de tuas idéias. Serás um formador de opinião”.

Para que fosse cumprida a sina de Tom, seus protetores enviaram ao planeta um representante com a missão de fazê-lo ingressar no rádio, meio de comunicação de maior penetração no Ceará. Sob o disfarce de Gildemar Aguiar, funcionário da Rádio Dragão do Mar, o enviado dos deuses descobriu a voz sedutora de seu vizinho e levou-o para cantar na mesma emissora. “Favela”, música de Chico Alves, permanece até hoje na memória de Tom.

Mas o jovem era teimoso. Queria mesmo era ser locutor esportivo, como seus ídolos Edson Leite e Pedro Luís, que transmitiram a Copa de 58 pela Rádio

Bandeirantes. Antes de concretizar seu sonho, o “foca” era locutor comercial da Rádio Uirapuru. Mas estava sempre atento, imitando os radialistas de prestígio daquela época.

A estréia como locutor esportivo, em 66, foi uma verdadeira prova de fogo. “Foi um momento de pânico”. Tom substituiu um locutor que estava doente. Mas só sabia o nome de dois jogadores e não dominava a técnica da narração futebolística. Para surpresa dos deuses, que apenas testavam-no, ele não desistiu da carreira. Anos depois, partiu para a televisão e para o jornal.

Dono de uma experiência adquirida “na marra”, Tom foi mestre dos jovens egressos do Curso de Comunicação Social da UFC, que iam parar no batente das redações e emissoras da vida. A troca de conhecimentos entre o jornalista, que aprendeu com a prática, e os alunos, que tinham teoria de sobra, despertou em Tom o interesse pela formação acadêmica, que veio com o Curso de Direito na mesma Universidade.

Hoje, na história do jornalismo e radialismo cearenses, Tom Barros merece um capítulo especial. Domina com desenvoltura as linguagens de veículos diferentes. E, como os habitantes do Olimpo previam, tem o respaldo da audiência para opinar sobre temas diversos. “Meu comentário, eu tento fazer como um pai de família que tem a opinião dele, quer dar e não tem um microfone. Eu tenho microfone e dou por ele a opinião que ele gostaria de dar”.

Em entrevista aos alunos do VII semestre do Curso de Comunicação Social, o jornalista solta a voz e mostra porque é a própria personificação de Orfeu, o encantador de multidões, mas com a simplicidade de todo cearense. Com vocês, os mil tons de Tom Barros.

Entrevista com o jornalista Tom Barros, dia 6/4/97

Produção:

Carlos Eugênio Furtado, Pedro Guerra, Nathália Lobo

Abertura:

Pedro Guerra

Redação, edição e texto final:

Carlos Eugênio Furtado, Pedro Guerra, Nathália Lobo

Participação:

Ana Luíza Almeida, Ana Paula Dantas, Antônio Vanderley, Ingrid Coifman, Janaina Braga, Natália Duarte, Pedro Guerra, Samira de Castro, Carlos Eugênio Furtado.



Tom Barros aceitou imediatamente o convite feito pela Entrevista.

Entrevista - Quando foi que você percebeu e como foi que você percebeu que ia ser locutor de rádio?

Tom Barros - Antes de responder, eu quero dizer para vocês uma coisa: agradecer a lembrança do meu nome e a escolha e, como disse a Nathália, o privilégio de ser o primeiro, né? Aconteceu uma coisa interessante quando eu recebi esse convite. É que eu sou jornalista já aposentado e nunca tinha entrado no Curso de Comunicação. Então, é a primeira vez. Essa primeira vez foi proporcionada por vocês.

Eu sempre tive uma curiosidade muito grande de conhecer mais de perto o Curso de Comunicação; talvez até porque eu não tenha feito. Aprendi tudo empiricamente, lá na praça com os meninos. Entrei muito cedo. Essa teoria, essa doutrina e tudo que se estuda aqui, eu não conheço. A não ser, assim, por curiosidade de eu ler um livro aqui, outro acolá. Mas sem nenhuma sistemática. Eu sempre tive essa curiosidade.

Quando eu fiz a faculdade de Direito, e até expliquei porque fui fazer Direito - porque me tornei jornalista profissional por força da lei - mas nunca no meu interior houve uma acomodação com relação à vontade de conhecer o que vocês conhecem e o que eu desconheço. Então, alguma coisa que eu aprendi, fui entrando em contato com as pessoas que passaram aqui pelo curso e que levavam o que vocês conheciam para mim. E lá, com a prática eu ia fazendo... tirando algumas conclusões. Então essa é a minha alegria de estar pela primeira vez, como aposentado, no Curso de Comunicação. Coisa de Brasil, né?

Sobre locutor, eu descobri muito cedo. Eu descobri, eu acho, que na faixa de dez anos de idade. Eu era imitador do Pedro Luiz e do Edson Leite, os dois maiores locutores esportivos do Brasil na época - 1958 - Copa do Mundo. E eu imitava esses dois. Quando terminou a Copa eu ainda imitava com certa semelhança o Pedro Luiz. E foi através dessa imitação do Pedro Luiz e do Edson Leite que eu comecei a participar dos programas de rádio. Isso já algum tempo depois, na faixa de dezessete anos, tentando ingressar como foca. E descobri que queria ser locutor. Com firmeza fui lá e consegui entrar já mais tarde com dezessete anos mais ou menos.

Entrevista - E antes disso, Tom, antes dos dez anos, você já pensava em trabalhar com isso?

Tom Barros - Não... não pensava, não. Eu comecei a pensar exatamente

na Copa de 58 quando ouvia as transmissões de futebol. Eu achei bonito. Eu decorava com facilidade o lance, então eu fazia uma repetição para os meus colegas. Ai, com essas imitações, as pessoas passaram a ouvir. E pediam para eu repetir. Eu chegava na pracinha da Gentilândia (bairro onde Tom nasceu, cresceu e mora até hoje) as pessoas pediam e eu ia repetindo... A partir daí, nasceu a vontade de ser locutor, narrador de futebol. É por isso que eu fui ser.

Na primeira oportunidade na Uirapuru... Era um concurso, era Tarde Esportiva. As pessoas se apresentavam para fazer o concurso. Tinha que narrar o lance de futebol, o que eu queria. Eu ia lá e narrava o lance de futebol. Ficava o Júlio Sales (locutor esportivo), o Gilvan Dias de Souza (também radialista), o pessoal todo para julgar. Pronto: como se estivesse aqui. A diferença é que eles ficavam no estúdio e eu no estádio. Eu narrava o lance e eles davam as notas. Assim eu fui começando.

“Eu pegava a lata de Óleo Pajeú (...), furava com prego os buraquinhos do microfone, botava o cabo de vassouras e fazia o microfone.”

Entrevista - Tom Barros, será que no seu inconsciente não estava o menino da “Rádio Pajeú”... (Tom Barros havia confidenciado para a equipe de Produção que costumava narrar os bate-bolas infantis em uma latinha de Óleo Pajeú)

Tom Barros - (Ri) É... exatamente. Essa parte quando veio o Pajeú - o óleo Pajeú que eu fiz o microfone - eu já fiz por conta dessa transmissão do Pedro Luiz e do Edson Leite que eu ouvia. Então o que eu fazia? Eu pegava a lata de Óleo Pajeú, que é quadradinha, diferente dessas de hoje... Era quadradinha como um microfone. Eu furava com pregos os buraquinhos do microfone, botava o cabo de vassoura e fazia o microfone. Ai, eu ia lá pra pracinha transmitir futebol. Era mais ou menos na mesma época da imitação. Veio junto. A lata de Pajeú foi para imitar o microfone.

Entrevista - Então você era um menino diferente porque, enquanto os

seus colegas estavam jogando futebol, você estava em cima da árvore...

Tom Barros - Mas eu jogava também. Eu gostava de jogar muito. Agora, claro que eu sempre gostei de rádio. Se fosse jogador, tinha morrido de fome.

Entrevista - E o cantor?

Tom Barros - Eu cantava, sempre gostei de cantar. E, por mais incrível que pareça, meu primeiro contato com um microfone de verdade mesmo não foi narrando futebol como eu queria. Foi cantando. Antes, inclusive, desse concurso na Rádio Uirapuru. A Rádio Dragão do Mar tinha um programa de serestas. Eu gostava muito, como ainda gosto, do Orlando Silva - para mim o maior cantor que esse país já teve. Ai, o meu vizinho, que era funcionário do Banco do Brasil e funcionário da Dragão do Mar, me ouviu cantando uma vez e me convenceu de que eu devia cantar lá na rádio. Eu cheguei lá, estavam o Nilton Alves, que era violonista; o jornalista Carvalho Nogueira, que, por sinal, trabalha hoje com a gente no Diário do Nordeste fazendo o programa. E eu cantei a música ‘Favela’. Foi a primeira coisa diante do microfone. ‘Favela’, uma música gravada pelo Chico Alves (cantor). Então foi cantando. Mas eu não queria ser cantor não. Eu fui pela curiosidade. “Eu vou entrar num estúdio, eu vou entrar em contato com o microfone.” E fui. Nunca quis ser cantor, não. Mas, eu comecei cantando. E cantei diversas vezes nesse programa lá... aleatoriamente.

Entrevista - Isso foi quando?

Tom Barros - Isso foi pouco antes de eu ir pra rádio... como locutor na Rádio Uirapuru. Quer dizer deve ter sido mais ou menos isso: 63... 64... Eu comecei oficialmente na Uirapuru em 65, já com carteira assinada. Então, um ano e meio antes, eu gostava de ir por curiosidade.

Cantei na Voz de Ouro ABC. Interessante, uma coisa que eu me lembrei agora. Era pum concurso que tinha nacional. E que a melhor voz... o sujeito depois era premiado, gravava um disco. E o Cid Carvalho apresentava lá na Casa Juvenal Galeno (espaço cultural no Centro da cidade) e eu fui cantar lá. Me inscrevi e fui cantar. O certo é que eu cantei e tirei terceiro lugar na vez que eu fui. Mas eu tinha certeza que não ia ser o primeiro, não.

Entrevista - A primeira vez que você entrou no rádio foi pra cantar. Como foi que você saiu da cantoria para o futebol?

Tom Barros - Eu não queria ser cantor,

Tom Barros foi o quarto nome a ser escolhido e o primeiro a ser entrevistado para Entrevista.

não. Apesar das pessoas gostarem... Mas eu queria ser locutor. Fui para Rádio Uirapuru porque tinha um programa 'Tarde Esportiva', que eles abriram espaço para quem quisesse fazer testes para locutor esportivo, que era o que eu queria. Ai, eu fui, fiz o teste. Ganhei no primeiro domingo. No segundo domingo, ganhei. No terceiro domingo, não deixaram mais eu participar. Porque não tinha mais... Imitação perfeita... Aquele negócio todo...

Então, o Gilvan Dias... "Não, não adianta você participar mais, não. Porque, além de você ganhar o prêmio, se tornou sem graça. Você fica aí, que na hora que aparecer um emprego, a gente arranja para você." E o Afrânio Peixoto (jornalista), quando houve o primeiro emprego, realmente mandou me chamar: "Apareceu um emprego aí. Você querendo... Agora, não tem para locutor esportivo, não. Você vai ser locutor comercial." Locutor comercial ficava só lendo os textos comerciais. Foi como eu comecei. Ai, de locutor comercial... O noticiário da rádio Uirapuru, de uma em uma hora, quem fazia era o Baman Vieira (segundo Tom, locutor da voz muito bonita que foi líder de audiência nos anos 60, na Rádio Uirapuru e morreu há poucos anos). Ele faltou uma vez e eu comecei a fazer o noticiário. Cid Carvalho... também mais tarde, tempos depois; também fazia noticiário, faltou... Eu fiz o noticiário. Ai, pronto. Eu fui me envolvendo no rádio como um todo.

E a primeira chance para narrar futebol foi sem querer. Uma vez lá no Estádio Presidente Vargas, quando o locutor adoeceu, me botaram para narrar. A maior decepção que eu tive na minha vida. Foi o pior trabalho que eu já fiz. Inesquecível pela agonia que eu passei, pelo drama. Doido que o jogo terminasse e o jogo não terminava. E eu só conhecia dois jogadores. Só conhecia dois. Olhava para os caras e não sabia quem era. Me atrapalhava com o papel...

Entrevista - Esse primeiro jogo foi o único momento de inexperiência que você teve?

Tom Barros - Não, foi um momento de pânico, de pânico mesmo, de pavor! Eu estava apavorado. Deu vontade de chorar, de ir pra casa. Ai, depois, o Júlio Sales me levou para um estádio. Forado ar. Ai, eu comecei a narrar fora do ar, já tranquilo porque eu sabia que não estava no ar, né? Ele me deu a dica. Qual a dica? Geralmente, você tem que memorizar bem o nome dos jogadores, bem a numeração e aprender a olhar a posição futura. O jogador tal está com

a bola aqui na direita. Então, você já sabe, mais ou menos, pra quem ele pode passar essa bola. Você já sabe... porque você vai ver quem tá entrando lá no meio, quem tá entrando lá pela esquerda. Eu, quando comecei, eu concentrava a visão em cima do cara que tava com a bola. Como é que eu ia saber? Quando eu levantava a vista, já não dava mais. Hoje em dia, por exemplo, quando ele está com a bola, eu já sei que ele está com a bola. Não precisa estar mais olhando para ele. Já estou vendo quem está entrando lá do outro lado pra saber quem vai se projetar para receber. Certas coisas assim que facilitam, né?

Ai eu fui gravando até ter outra oportunidade narrando já no ar de novo. Ai, já foi saindo.

Entrevista - Essa primeira experiência meio que 'nas coxas' foi opção sua...

Tom Barros - Não, foi sem querer. Eu tava lá no estádio... Eu fui apanhado de surpresa. Eu já era funcionário da rádio como locutor comercial. E eu queria ser locutor esportivo. Eu narrava, mas imitando. Eu nunca tinha apanhado o microfone para falar ao vivo. Mas como o rapaz adoeceu - não

"A primeira chance para narrar futebol foi sem querer. (...) Foi o pior trabalho que eu já fiz. Inesquecível pela agonia que eu passei, pelo drama."

sei se foi o próprio Júlio - teve que ser levado para o hospital. Eu tive que fazer a transmissão. A rádio tava sem locutor. Mas aí foi horrível. Um momento de terror... Na verdade, eu acho que ele transmitiu esse jogo o primeiro tempo e dez a quinze minutos do segundo tempo quando ele se sentiu mal. Eu peguei dos dez minutos aos quarenta e cinco. Ai, você já viu. Tempo, né? De sofrimento.

Entrevista - Essa decepção não serviu como desestímulo para sua carreira, não?

Tom Barros - Quase que eu deixo. Não acreditava mais que eu pudesse transmitir jogo de maneira nenhuma.

Entrevista - O que foi que te levou a batalhar e...

Tom Barros - A própria gravação.

Eu fui vendo na gravação o que eu fazia e ouvia. "Não, aqui eu tenho a impressão que ainda vou ajustar." Ai, pronto. Fui me adaptando e consegui fazer até a narração sair bem. Ai, eu passei a ser narrador esportivo mesmo. Acho que em 66.

Entrevista - Em que rádio?

Tom Barros - Na Rádio Uirapuru mesmo.

Entrevista - Você imitava o Pedro Luís e o Edson Leite. Eles certamente serviram de espelho para você. Mas, como é que você construiu o seu estilo deixando a imitação?

Tom Barros - Interessante, por mais que eu tenha imitado o Edson Leite e o Pedro Luis, quando eu comecei a narrar futebol na rádio com microfone, eu passei a imitar outra pessoa completamente diferente, de estilo completamente diferente dos dois, que era um locutor aqui do Estado do Ceará. A voz mais bonita que eu já vi narrando para o esporte no Ceará: Ivan Lima. Já morreu. E eu fui imitador dele de verdade e sou até pra largar a imitação. A semelhança era muito grande e claro que a imitação nunca tem o seu valor. Eu tinha que arranjar uma maneira própria.

Mas não foi fácil para eu me livrar daquela imitação. Sem querer, tava saindo. Então eu comecei a ouvir e tentar dizer exatamente o que ele não dizia... tom de voz um pouco diferente. Mas eu soufri para me ver livre da imitação que eu fazia do Ivan. Eu convivia muito com ele. Então eu era imitador dele mesmo. Imitador barato, desses assim que o que ele dizia, eu dizia. Papagaio. Depois eu me librei, mas demorou um pouquinho.

Entrevista - Da rádio Uirapuru você foi pra onde?

Tom Barros - Pra Rádio Dragão do Mar. Da Rádio Dragão do Mar, voltei para a Uirapuru. Da Uirapuru, voltei para Dragão do Mar de novo. Ai, sai da Rádio Dragão do Mar em 71. Fui pra TV Ceará. Fiquei na TV Ceará - Ceará Rádio Clube - até o fechamento da emissora. Quando a emissora fechou, passei a trabalhar na Rádio Verdes Mares e lá na rádio Ceará Rádio Clube. Fechou a televisão, a rádio continuou. Em 83, eu fiquei definitivo na Rádio Verdes Mares e fico até hoje.

Entrevista - Antes disso, o que é que fez você optar por fazer Direito? Porque depois que estava trabalhando podia optar por Comunicação ou Direito.

Tom Barros - Foi exatamente porque quando eu fui reconhecido como jorna-



A pré-entrevista foi realizada no próprio local de trabalho do Tom Barros: a sua sala na Rádio Verdes Mares.

Sempre tranquilo, ele recebeu a equipe de produção na redação do Diário do Nordeste.



No caminho entre a redação e a sua sala, ele cumprimentou todas as pessoas que encontrava. Às vezes acenando com a cabeça, ou em rápidas conversas.

lista, eu pensei: "As primeiras pessoas que saírem do Curso de Comunicação vão ter que trabalhar aqui comigo." Nesse tempo, eu já tava na TV Ceará, no departamento de telejornalismo.

Quando o pessoal começou a sair daqui (do Curso), os primeiros foram lá para TV Ceará realmente. E eu já tinha saído da Rádio Dragão do Mar para lá. Veja bem. Então eu pensava: "O pessoal que vai sair lá do curso vai ter que vir pra cá, onde eu estou. Então, eu não vou mais pra lá. Aqui eles vão ter na prática que aprender comigo mesmo." Entendeu por que não fui? Ai então, fui pra Faculdade de Direito e fiz vestibular pra lá. E achei interessante porque o conhecimento que eu ganhei lá foi muito amplo nessa área jurídica e me ajuda até hoje dentro da atividade no jornal e na televisão.

Eu achei que era melhor. Porque uma área, de qualquer forma, mesmo sem doutrina, sem teoria, sem nada, eu já conhecia bem. Rádio, jornal, televisão... Vivía lá dentro, aprendendo. E a outra, eu não conhecia nada. Na outra, eu ia conhecer uma coisa completamente nova. Enfim, por isso que eu fiz a opção pela Faculdade de Direito. E achei importante e acho muito importante o uso do Direito.

Entrevista - Tom Barros, você tem a experiência do jornalismo antes da existência do curso e depois da existência. Quer dizer, você é de uma geração em que os jornalistas aprenderam na prática. E hoje em dia o mercado está quase que praticamente tomado por pessoas jovens e pessoas que saem do Curso de Comunicação. Então, como é esse tipo de relação entre essas duas gerações?

Tom Barros - É interessante porque, quando as primeiras alunas e alunos saíram para trabalhar, eles chegavam com toda uma teoria. E pegavam os que trabalhavam na época na TV, por exemplo no meu tempo, com toda uma prática. Era tudo na prática, "vai fazendo aí, te vira e pronto!" Quando chegou o primeiro grupo eu achei importante porque eu fui me perguntando, eu tinha curiosidade de saber. Lead? Eu lá tinha ouvido falar em Lead na minha vida! A primeira vez que eu vi, foi quando chegou o pessoal de lá. Mas aquilo a gente já fazia sem saber, porque via, ia fazendo, e depois é que o cara vai descobrindo o que é, na verdade. Então essa coisa se deu muito bem, porque eu pegava, por exemplo, a jornalista Elizabete Carvalho, que hoje está na Tribuna do Ceará, se não me falha a memória, e ela me passava as informações e eu ia vendo e achava

aquilo tudo interessante. Sobre cinema, que a gente tinha o Departamento de Cinema...

E a experiência que vocês daqui iam passando para lá, eu ia somando e eles iam aprendendo, e aprendendo sobre o que eu já sabia de prática mesmo. Eu acho que foi um enriquecimento pra mim, mas isso não tira ainda - não digo um certo complexo não - uma certa limitação que eu vejo quando os alunos de hoje chegam no setor de comunicação, e aqui ele tem toda uma informação em determinadas áreas: propaganda, cinema, essa coisa toda. E eu não tive, tive que ser ali, limitado mesmo. Então a convivência é boa por isso, porque eu fui passando a minha experiência e fui recebendo o que vocês sabiam daqui. Casando as duas coisas.

Eu acho que melhorei, e acho que passei um pouco do que eu sabia, principalmente de TV e de rádio, pras pessoas que iam chegando. Não digo nem no jornal, porque em jornal a minha experiência foi menor. Cheguei

"As pessoas que saem do curso superior com aquela linguagem técnica, rigorosa, na hora de se comunicar com o povo, ninguém entendia."

e comecei a escrever Editorial (por aí vocês tiram), e passei um período escrevendo, o doutor Manuelito, que era quem escrevia o Editorial, teve que fazer uma viagem, eu tinha escrito algumas coisas para ele, na TV, ele disse: "Rapaz quando eu viajar, não estiver, dá uma olhadinha no Editorial pra mim". E eu disse: "Doutor, não sei escrever Editorial! Não! Nunca escrevi Editorial na minha vida". E ele disse: "Rapaz, mas não é difícil, presta atenção em como é que eu faço e tal, pega o assunto, estude e tal". Ai ele foi viajar, me avisou e eu comecei a fazer, mais ou menos. Mas foi uma experiência e eu fui começando a ingressar no jornal a partir daí. Fui aprendendo a ver as coisas do jornal lá, no dia-a-dia: o colunista, os redatores, e fui absorvendo. Pena que o jornal fechou!

Entrevista - Tom, mas assim, ainda insistindo um pouco nessa coisa das duas gerações, você sente diferença do tempo liberal, porque o jornalista naquela época era mais romântico...

Tom Barros - É porque é o seguinte: o jornalismo, interessante... Veja bem, o jornalismo entrou na minha vida, quando na verdade existia diferenciação entre, existia não, existe, entre o radialista e o jornalista. Eu entrei para ser radialista, que é o que eu queria ser, locutor esportivo, tá lá, né? Mas quando chegou a legislação, aquilo que eu fazia sendo radialista mesmo, rádio-repórter, houve o reconhecimento e eu passei a me interessar pelo jornalismo a partir daí. Porque não me passava nem pela cabeça... senão transmitir futebol. Rádio. Ai eu comecei a observar esse outro campo que eu poderia também participar. Então, de repente eu sou chamado: a partir de hoje, é jornalista. Ai eu me conscientizei: "A partir de hoje eu sou jornalista, tá certo! Tai a lei dizendo que é!".

Mas na verdade, eu estava voltado para um ramo que eu não... eu não pensava ligar uma coisa à outra. Mas quando veio a legislação, fez-se a ligação. E a partir daí, como eu vi que o negócio é sério, passei a me interessar mais pelo jornalismo, descobrir as coisas do jornalismo mais antigo. Agora, na verdade você tem razão, naquele tempo existia muito mais um clima romântico do que esse profissionalismo de hoje. Naquela época, eu via.

Entrevista - Tom Barros, você é um profissional que assimilou as linguagens do rádio, do jornal e da TV. Sabemos que sua paixão é o rádio. (Ele responde: é!) Agora, fale um pouco sobre a TV...

Tom Barros - Bom, na TV, uma vez, terminando a Faculdade de Direito, eu fazia o programa "O crime não compensa", então eu fazia entrevistas com advogados e eles usam a linguagem muito técnica e eu notei o seguinte: que as pessoas que saem do curso superior com aquela linguagem técnica, rigorosa, na hora de se comunicar com o povo, ninguém entendia. Então eu tinha de me despir um pouco do que eu tinha aprendido na Faculdade de Direito, com aquela linguagem técnica, rigorosa, graças a Deus eu me livre! cedo pra fazer uma linguagem bem comum.

Aprendi o seguinte: a Rádio Povo fazia um programa de grande audiência, com pessoas do mais alto gabarito. Carlos D'Alge (professor universitário e jornalista - integrante do corpo editorial do jornal O Povo), Adisia Sá (jornalista, ombudsman do jornal O Povo), o (jornalista) Themistocles de Castro e Silva, um grupo muito bom. Então o programa tinha uma audiência boa mesmo. Mas a linguagem, eu observava que a linguagem era um pouco

A pré-entrevista durou pouco mais de uma hora, sendo interrompida várias vezes por funcionários da casa.

elevada para o meio de comunicação chamado rádio. Pelo menos dentro do que a gente via na Rádio Verdes Mares... O que é que nós fizemos? Nós pegamos o programa do Paulo Oliveira, e colocamos no ar no mesmo horário o programa sem aquele ar professoral, aquela coisa, numa linguagem bem mais simples, mais coloquial, para o ouvinte pegar, embora o assunto fosse importante e a resposta foi quase que imediata. A linguagem bem simples. Então entendemos o seguinte: que no rádio você não pode exagerar naquela linguagem rebuscada, aquela coisa, tem que usar uma linguagem bem - claro que num certo nível - para a pessoa, quer dizer, entender, mas também olhar para o que está lá embaixo, que vai querer entender igualmente.

Então eu vi que a minha linguagem lá da Faculdade de direito, não estava dando pra lá. Eliminei, procurando tirar aquele vício, aqueles nomes, aquele negócio todo, e usar uma linguagem mais comum possível para o rádio. E basicamente, o mesmo entendimento para a televisão. Então esse programa que nós fizemos lá, teve uma resposta muito imediata. Porque o tema era o mesmo. Se ele estava comentando Direito Constitucional lá, problema de Reforma da Constituição, qualquer coisa, por exemplo, eu pegava esse mesmo texto aqui, na hora que eu fosse falar, eu ia falar numa linguagem deixando do lado totalmente a parte técnica do Direito e ia pro comum, pra todo mundo entender. Então eu observei, nós observamos a resposta, com a audiência que foi lá pra cima e as pessoas estavam se ligando num tom mais leve do que naquele negócio: cada um dando aula de desapiência, aquele negócio todo, cada um querendo mostrar o que conhecia... Não, era uma discussão mais leve. E isso foi o que eu aprendi na linguagem de rádio. E a televisão, basicamente a mesma coisa, se bem que a televisão tem a questão do tempo. Mas na televisão eu utilizo mais ou menos a mesma coisa. Então foi isso que eu coloquei na linguagem de rádio e de TV, ser o mais simples, mais fácil possível, porque o ouvinte ele...

Entrevista - E no jornal? Essa adaptação da linguagem?

Tom Barros - No jornal, eu só faço a coluna de futebol (referindo-se à coluna "Virando o Jogo", que escreve atualmente no Diário do Nordeste). Fiz Editorial no tempo do doutor Manoelito, aí eu tinha um pouco mais de zelo, de colocar um negócio assim, mais enfeitado, mas eu nunca gostei não. Se

mandassem eu escrever esse negócio de Editorial lá no Diário, eu abria logo. É da minha própria natureza. E a coluna era muito simples, você faz mais ou menos como estou falando aqui. Sendo que na parte de cima da coluna, por exemplo, eu procuro ser um pouco mais refinado - na parte de opinião da coluna. Naqueles tópicos, você vai com a linguagem simples....

Entrevista - Tom, de onde você se espelhou para tirar a coluna?

Tom Barros - Eu tive muito medo quando me chamaram pra fazer a coluna porque tinha esse negócio de "furo". Ora, eu trabalhando como trabalho, cedinho, lá no rádio, como é que ia atrás de furo? Difícil, né? O Edilmar (Edilmar Norões, diretor de programação da televisão Verdes Mares) disse: "Não, os repórteres lhe aju-

"Eu particularmente não me ligo na importância do furo. Eu me ligo muito mais na importância da força da opinião."

dam". Eu comecei a ler o João Saldanha (comentarista esportivo, falecido em 1990), que na época era vivo, aí eu observei que ele não se preocupava com furo. A força do João Saldanha estava na opinião. Não interessa se jogador foi contratado, não interessava furo, interessava a força da opinião, da palavra dele, do pensamento dele. Então o Washington Rodrigues (comentarista esportivo da Rede Manchete e colunista do Jornal dos Sports, do Rio), que ainda hoje ainda escreve, eu comecei a ler e a observar estes colunistas. Então eu cheguei a conclusão de que eu teria que fazer como, uma coluna com a força de uma opinião - que é essa parte de cima, que eu faço. Aí realmente eu cuido de elaborar um pouco melhor, um texto mais profundo e tal, e com os tópicos, aí sim, com essas informações de mudança simples, de jogador que está sendo contratado, mas nunca preocupado com furo, especificamente. Porque eu continuo achando que eles tinham razão, que a força está exatamente no que você diz - que representa a credibilidade, naquela sua opinião, abalizada... Então é isso que eu cuido de fazer também, nessa parte da coluna. Enquanto outros pensam que a importância da coluna está no furo, não é que o furo não tenha importância

não, mas eu estou dizendo que eu não me ligo. Eu particularmente não me ligo na importância do furo. Eu me ligo muito mais na importância da força da opinião.

Entrevista - E a responsabilidade dessa coisa justamente de ser comentarista e opinar sobre determinado assunto, que é complexo e polêmico, e ter sua opinião respeitada...

Tom Barros - É, o negócio é o seguinte: eu passei a ter medo do comentário que eu faço na Rádio Verdes Mares, no instante em que eu fui ver a audiência do programa. Eu passei a ter medo. Já pensou, você dizendo uma besteira pra 10000 mundo ouvir? Numa audiência muito grande, né? A nossa responsabilidade aumenta. Como lá tem o comentário, por um acaso também, dentro da minha vida tem essa história do acaso, por mais incrível que pareça - eu ia passando no programa do Paulo Oliveira, estava um assunto sendo discutido, e ele me chamou: "Dê uma opinião aqui". Eu dei. Dois dias depois: "Tom, opina aqui sobre esse negócio". Opinei. Quando eu estava na Faculdade de Direito, teve um assunto, parece-me que era sobre Constituição, eu conhecia um pouquinho. Opinei. Daqui a pouco no terceiro dia, de novo. Aí a

Direção da empresa viu, gostou, e disse: "Rapaz, a gente pode ganhar dinheiro aqui". Faz-se o comentário, vende-se o produto. Se der certo, tudo bem. Deu certo, até hoje está aí... bem vendido, graças a Deus!

O que você tem que passar pro ouvinte é a lealdade que você tem com relação àquele assunto e a lealdade que você tem com ele, ouvinte. Você diz o que você sabe. E diz a sua limitação também, porque eu não posso ser enciclopédia, saber de tudo... Claro que eu não posso. Então eu digo sempre: o meu comentário eu tento fazer como um pai de família, que tem a opinião dele, quer dar e não tem um microfone. Eu tenho o microfone e dou por ele a opinião que ele gostaria de dar. É o que eu tento fazer. Só não posso ser profundo, porque não conheço tudo...

Entrevista - O rádio é mesmo a atividade que você faz com mais prazer, não é?

Tom Barros - É a que eu gosto mais de fazer. Tanto assim que para você ter uma idéia, veja bem: eu estava no Bom Dia Ceará, apresentado o Bom dia Ceará, então eu tinha duas opções - o Mancini (Giácomo Mancini, antigo diretor de telejornalismo da TV Verdes Mares) tinha me pedido para continuar



Tom Barros ainda mora na mesma casa em que nasceu, na Gentilândia.

Embora fosse educado por padres holandeses, Tom Barros não poderia ser considerado um garoto calmo.



A travessura que mais gostava de fazer era destelhar a própria casa. Logicamente, só o fazia quando o deixavam sozinho.

no Bom Dia. E eu disse: "Mancini, mas eu estou querendo ir para a Copa do Mundo nos Estados Unidos". Então ele começou a treinar algumas pessoas... E terminava o noticiário do Bom Dia Ceará, vinha outra pessoa e gravava. Tiveram lá não sei quantos locutores tentando, e eu já agoniado pensando que eu ia perder a Copa. Por quê? Porque eu estava querendo transmitir futebol na Copa. Tudo bem. Aí aconteceu que até que o Roberto Moreira (jornalista e editor do telejornal) ficou no Bom dia Ceará.

Segunda oportunidade: eu saí do Bom Dia pra ir pro negócio dos EUA, e não voltei mais. Mas voltei, pra ser entrevistador do Bom Dia Ceará. Entrevistador do Bom Dia. Aí o que é que aconteceu? Mudaram o horário da Globo, a Globo passou o Bom Dia Ceará pra manhã, às sete, sete horas exatamente o meu horário do meu comentário com o Paulo. Que é que eu fiz? Eu disse: "Rapaz me tire do Bom Dia definitivamente, porque eu morro e não largo o meu horário lá. Meu horário é meu, a opinião lá é minha, sou eu que estou falando. Certo ou errado, eu estou dizendo. Na televisão, não sou eu. Eu só estou ali apresentando ou então fazendo entrevista. Cadê a força pessoal da coisa? E lá não, lá eu tô dando minha opinião, certo ou errada, contestada, seja lá o que for, mas eu tô falando, sou eu que estou mostrando o meu ponto de vista". Eu não troco o rádio.

Entrevista - Tom Barros, como é que fica a opinião com relação à coação por parte da empresa? E isso quando tu começas, tava começando mesmo na época áurea do Governo Militar. Como é que foi a sua experiência com a censura naquela época e agora...

Tom Barros - Tem, tem. Tem muito mesmo, ainda hoje a gente sofre. Na verdade sofre e não é pouco não, é muito. Porque... eu vou por etapas, por exemplo, em 1965, quando eu entrei, estava com um ano de governo militar, então eu não passei, naquele tempo, absolutamente nenhum vexame. Testemunhei, vi problemas dos meus colegas, mas eu mesmo nunca passei nenhum problema. O Cid Carvalho, por exemplo, o Cid Carvalho, eu vi numa situação extremamente delicada e difícil.

Ele tinha feito um noticiário pela manhã, e eu atendi o telefone por volta de nove horas, aí disseram que era da Décima Região Militar. "Quem era que tinha feito o noticiário pela manhã?". E eu disse: "Rapaz, foi o Cid Carvalho. O senhor pode me dar o

telefone pra eu confirmar se é da Décima Região Militar?". O cara me deu, eu liguei e era de lá mesmo, não estava mentindo não, era certo mesmo. Aí ele: "Sim, mas é o seguinte: ele disse que a democracia foi apunhalada pelas costas". "Meu amigo, aí eu não sei se a democracia foi apunhalada pelas costas, não. O que eu sei é que ele fez o noticiário"... E quando foi meio-dia, o Cid aparece no noticiário, aí chegam três caminhões do Exército.

Moral da história: eu estou lá. Testemunho um lance cômico, que eu nunca vou esquecer na minha vida, e dramático depois. Cômico no começo (risos), porque o Cid, é muito corajoso, e eu não sabia que ele era corajoso daquele jeito não (risos). Ele chegou e o camarada disse: "O noticiário que o senhor fez (o cara era capitão do Exército!) disse que a democracia foi apunhalada pelas costas". "Eu não falei que a democracia tinha sido apunhalada pelas costas não, quem falou foi a deputada Sandra Cavalcante, pelo Rio de Janeiro". "Pois prove que foi ela,

"Chegava na rádio bem cedinho para ler todo o noticiário e eu mesmo censurava! Tá entendendo? O medo que eu tinha diante daquele quadro que eu vi, rapaz!"

no noticiário". E o Cid disse: "Está lá com o Vavá (que é o Edvar Costa que trabalha hoje na Tribuna do Ceará)". Foram buscar o Vavá, lá vem o Vavá. Aí o Vavá veio, o capitão olha e diz: "Cadê o noticiário?". "Rapaz eu entreguei ao Vevé" (risos). Aí, meu amigo, foram buscar o Vevé (que é o irmão dele, Everdes Costa). Lá na rádio tinha um cidadão que não era nada do Edvar, nem do Everdes, mas que a gente chamava de Vivi, porque era parecido (risos). Já pensou? Aí quando o camarada mandou buscar o Vevé, que o Vevé chegou e olhou, disse assim: "Eu não tenho o noticiário". Meu amigo, eu me preparei para apanhar (risos), porque se ele diz: "Está com o Vivi", o capitão ia descer era a porrada em todo mundo! Mas ele não disse, graças a Deus, ele disse: "Cid, rapaz, eu não sei onde está o noticiário, ele está lá dentro".

Rapaz, esses homens foram lá, pegaram esse arquivo, foi uma confusão dentro dessa rádio Uirapuru... E levaram o Cid preso. O Cid passou três dias preso na Décima Região

Militar e eu me encarregava de ler o noticiário dele. Era em 65, 66, por aí. E honestamente, eu fiquei morto de medo. Eu tava começando. O Cid tinha as costas largas, filho do Jäder de Carvalho (poeta, jornalista combativo, ligado às esquerdas, escritor e nome respeitadíssimo na imprensa cearense, já falecido). Eu tô lascado, né? Chegava na rádio bem cedinho para ler todo o noticiário e eu mesmo censurava! Tá entendendo? (risos). O medo que eu tinha diante daquele quadro que eu vi, rapaz! Eu nunca pensei, eu estava começando a vida. De repente vem uma brutalidade daquela! O cara tacar o pé numa porta, ir lá no arquivo, e tudo... Eu fiquei apavorado. Confesso a vocês! Eu não estava preparado para aquele negócio não... Passou essa fase da minha vida, eu fui amadurecendo...

Pois bem, este foi o meu primeiro contato com essa parte difícil de trabalhar em rádio. Não sabia que ia ser desse jeito não. A outra parte, foi quando eu trabalhava na TV Ceará, na Ceará Rádio Clube e Correio do Ceará, e aí não, aí eu já estava dirigindo o departamento, já recebia da Polícia Federal uns ofícios, uns memorandos lá que eles mandavam, dizendo no papel o que era que eu tinha que fazer. E a gente tinha que assinar embaixo. Fazia era, por exemplo: "Não divulgar notícia assim, assim, assim, assado. Só pode divulgar isso. Deixe de divulgar aquilo". E você tinha que assinar. E eu assinava. No final, eu já não sabia nem o que era que eu tinha assinado. De tanto papel que eles mandavam no meio da semana, durante o mês, eu lá sabia o que é que eu tinha que mandar, né?

Então houve um momento, por volta de duas horas da manhã, um pouco antes, não sei, que eu disse lá: "Rapaz mande uma pessoa vir pra cá porque eu não agüento mais não. Eu tô morto de sono e tá chegando notícia da agência aí dizendo que o Geisel (Ernesto Geisel, ex-presidente do Brasil)... que está havendo protesto contra ele lá na Alemanha e aqui, meu amigo, eu não vou ficar mais não". E era desse jeito que trabalhava, e honestamente, era um negócio terrível trabalhar naquele tempo.

Mas esse foi o único tipo. Eu nunca sofri, como alguns colegas, perseguição, e levar pancada, porrada, isso aí não. Constrangimento era ter que se submeter a essa situação, porque assinava um documento dizendo que não ia divulgar, um negócio horrível na vida da gente.

Entrevista - Tom Barros, mas aí não dá vontade de burlar um pouco, por-

Outra grande travessura: vender as caixas de guaraná que sua mãe havia comprado para ir ao cinema assistir a 'Branca de Neve e os Sete Anões'.

que aí entra a questão social... de você ver aquelas barbaridades todas...

Tom Barros - Dá, dá vontade. Dá, mas há um limite. Você pode usar de eufemismo, eufemismo, colocando a matéria, mas eles estão lá na fiscalização. E você é o responsável, está lá a sua assinatura. Então eles vêm em cima de você. Agora, você pode usar, como, às vezes, a gente usava na verdade. Queria dar uma notícia e dava aquela notícia com muito jeito, mas dava. Não dava do jeito que ela vinha, mas tentava. Agora, nesse caso de presidente da República era muito mais difícil, porque não dava para a gente divulgar era nada não, como era que você ia colocar? Um protesto lá na Alemanha contra o presidente Geisel, e o pessoal lá de olho pra saber. Isso era um terror, rapaz, era um negócio terrível. Agora o pior de tudo, que é como você falou aí, hoje, que não tem ditadura, não tem nada, mas quer queira, quer não, toda empresa tem sua conveniência.

Entrevista - E como é que fica a ditadura da empresa?

Tom Barros - Vamos ver aqui um caso concreto. (Silêncio) Olha, você tá trabalhando, eu sou comentarista, eu sou comentarista... assunto de Colégio, assunto de Colégio. A empresa tem suas conveniências? Tem, tem suas conveniências. Eu vou deixar de falar de assunto de colégio? Aí vem aquela história que você falou. Não, não vou deixar. Mas eu tenho que ter muito cuidado em dizer com certa prudência tudo aquilo que eu quero dizer, não deixar de dizer, é um compromisso com a sociedade, de dizer (ênfase), na verdade, mas vendo a conveniência da empresa e procurando ser fiel à comunidade, também a sociedade. Como? Dizendo, embora com eufemismo, com palavras mais brandas e leves, aquilo o que eu quero dizer na verdade sobre o assunto. Mas não posso dizer da maneira que eu gostaria de dizer, contundente, de forma veemente, isso aí eu não posso. E, inclusive, sou chamado atenção. Por quê? Porque o Grupo (refere-se ao Grupo Edson Queiroz, a que pertencem os veículos em que Tom trabalha) tem suas conveniências. Mas isso é em qualquer lugar, já trabalhei nos Associados, já trabalhei na Dragão do Mar, já trabalhei na Verdes Mares, agora, isso é comum. Então, cabe ao jornalista, radialista, e usar de pequenos meios pra ir dizendo, embora de forma mais branda, aquilo que ele gostaria de dizer de forma mais contundente.

Entrevista - Voltando para o jorna-

lismo esportivo, a promiscuidade entre os jornalistas, as empresas de comunicação, os próprios jogadores de futebol e os dirigentes. Você vê, de um lado, a possibilidade de recursos ilícitos, ou seja, sobreviver às custas do *jabá*, e do outro lado a péssima remuneração que o jornalista recebe. Como é que fica a cabeça do jornalista? Como ser ético?

Tom Barros - Essa questão aí eu considero sempre que as empresas de rádio deveriam acabar com o arrendamento. Eu sou contra o arrendamento. Porque o problema começou de arrendamento. O arrendamento... o que acontece? O cara que arrenda aquele horário vai querer ganhar dinheiro, vai querer pagar mal o repórter, porque quanto menor o salário do repórter, melhor o ganho principal dele, como capitalista que é.

Aí o repórter, o que é que faz? Ele vai atrás de uma publicidade qualquer

“Eu tenho que ter muito cuidado em dizer com certa prudência tudo aquilo que eu quero dizer... É um compromisso com a sociedade.”

como complemento do salário que não é nem um salário mínimo. Pode procurar essas equipes de esportes que dificilmente você vai encontrar uma com carteira assinada, pagando salário mínimo como manda a lei. Então isso favorece de mais o cara... Por exemplo: repórter de rádio que vem do Curso de Comunicação, não tem nenhum... De futebol que estou dizendo. Geralmente pessoas humildes, que vivem com dificuldade, com muita dificuldade. Então tudo isso permite que um dirigente de Clube chegue e ofereça um dinheirinho aí, e o cara acaba apanhando... que até falta formação melhor também pra eles.

Então eu acho que tava na hora de acabar esse negócio de arrendamento dentro desse princípio: a empresa ter mais zelo, exigindo que o cara que arrenda o departamento se comprometa a fazer a coisa como ela rádio, como a própria rádio faria, no caso de continuar ainda com o departamento. Porque senão ninguém vai parar não... é muito difícil parar.... Quem ganha bem hoje em rádio, transmitindo futebol ou repórter? Os donos das equipes, uns dois nomes em cada estação, Dois! Dois, e o resto é tudo salário de

fazer vergonha, de miséria, de viver com dificuldade. Eu vejo a situação de colega meu que trabalha aí, rapaz, eu tenho pena... O cara vive na dificuldade muito grande, pobre! Pobreza mesmo! Não é negócio de... o cara passa, às vezes, necessidades. Um cara desses tá com a família doente, a mulher passando necessidade... chega um diretor de clube, dá um dinheiro pra ele - que não tá pedindo... Ela lá tem compromisso com ética coisa nenhuma! Se o patrão dele é o primeiro a não ter, não cumprindo a lei, não cumprindo absolutamente nada... Que isso tá errado tá! Mas o que se há de fazer?

Entrevista - Saindo da parte ética entrando na parte técnica da coisa. Como você vê a entrada de pessoas não habilitadas em jornalismo, inclusive com estudantes trabalhando como jornalista, ganhando salário de jornalista... Contribuindo isso para trazer os salários mais para baixo. Como você vê isso?

Tom Barros - Eu acho é ruim, é uma coisa ruim. Inclusive, é interessante... Porque eu chego ali no jornal, faço a minha coluna e vou embora. Mas aí eu tava vendo pessoas novas chegando e tal e não sabia como era feita a coisa não. Isso enfraquece! Enfraquece totalmente, eu creio que o sindicato deveria ser o mais forte nessa atividade de controle do exercício da profissão, é preciso! É preciso porque, além de depor contra a classe, enfraquece, enfraquece...

Entrevista - Você observa que no radiojornalismo cearense, principalmente no que diz respeito ao esporte, o nível é baixo. Ao mesmo tempo você não tem tempo pra pesquisar, pra se formar, pra se informar, porque você não tem reciclagem... como é que você vê o futuro do radiojornalismo?

Tom Barros - Eu vejo é com apreensão muito grande. Até porque vocês, vocês que poderiam ser um começo... um padrão de melhora, vocês não vão querer ir pra lá nunca! Não vão querer nunca, daqui nenhum! Na hora em que vocês entrarem numa equipe de esportes, por exemplo, pra trabalhar, vocês vão ver um salário baixo, sem compensar. Eu não vejo com otimismo não. Ou se melhora o salário ou o padrão melhorar, ou então corre o risco de ficar como tá ficando essas equipes de jornalismo esportivo, o salário vai descendo, quem é que vai querer se sujeitar? O sujeito passa um bocado de tempo na faculdade, fazendo seu curso, aprendendo e tal para no fim se sujeitar a um salário de rádio que paga 150 reais. Não tem quem queira ir.



Tom Barros veio andando da sua casa para o curso de comunicação, onde foi concedida esta entrevista.

Cabisbaixo, ele revelou o motivo do desapontamento: o Palmeiras havia ganho do Ceará, seu clube do coração, deixando mais longe o sonho da Copa do Brasil.



A entrevista começou nervosa, mas com o passar do tempo, ele e nós - principalmente - nos acalmamos e seguimos a entrevista.

Entrevista - *Você como um homem de rádio, jornal e TV, como é que você consegue conciliar as atividades com seu tempo?*

Tom Barros - Eu acho que eu só consigo mais por causa da empresa, os três são no mesmo prédio, né? Mas eu acho que aqui tem pessoas nos três ramos. O Alan Neto (jornalista, colunista e comentarista esportivo do jornal O Povo, da rádio O Povo e da TV Jangadeiro), por exemplo, escreve a coluna, trabalha na TV Jangadeiro e trabalha na Rádio O Povo, então ele também trabalha nos três ramos de atividade. Então há muitas pessoas trabalhando nos três meios de comunicação...

Entrevista - *Já que a gente está falando dos três meios em que você atua, dos três, em relação ao receptor, qual desses três meios você acredita que seja o mais eficiente na... (Tom interrompe)*

Tom Barros - Eu continuo achando que é o rádio. Mas é porque a resposta... ela é muito grande... Uma vez o radialista Gomes Farias disse uma coisa que eu pensei que era mentira dele. Ele disse: "Tom Barros, eu cheguei lá em Sobral... no interior e as pessoas beijavam a minha mão. E eu pensei: "Rapaz, deixa de conversa"..."

Mas eu vou dizer uma coisa: eu fui transmitir um jogo lá em Sobral (município da região norte do Estado, a 240 Km de Fortaleza) e fiquei morto de vergonha. Cheguei lá na porta do estádio, tinha uma senhora, pois essa senhora se ajoelhou para beijar a minha mão... parecia que tava vendo uma... Valha-me Nossa Senhora! Tá entendendo?

É o rádio. Tem esse negócio, principalmente... Interessante, o rádio ainda exerce um fascínio maior da classe média para baixo - a maioria da população. O rádio tem uma série de vantagens: você vai guiando tá ouvindo o rádio. Cê tá tomando banho tá ouvindo rádio, é muito fácil! Não é? Na televisão não...

Eu nasci dentro do rádio e passava o dia todo lá, como ainda hoje eu passo na Rádio Verdes Mares. Eu acho que essa minha presença constante dentro da empresa faz com que as pessoas fiquem tranquilas. Se falta um locutor: "o Tom tá aí, ele faz". Porque sempre foi assim, uma coisa que acontece...

O programa Nordeste Rural. O Nordeste Rural aconteceu por falta de locutor. Eu tô lá até hoje. Faltou o locutor do Nordeste Rural. André Bessa (ex-diretor do programa) ia passando... "Rapaz, quebra um galho pra mim... o Nordeste Rural aí..." Eu

tô lá ainda hoje. Quem era o apresentador do Nordeste? O Tom Cavalcante, tá certo? Eu e o Tom Cavalcante. O Tom apresentava com a filha do Aécio de Borba (jornalista, deputado federal e foi dono da Rádio Dragão do Mar na década de 60), se não me falha a memória, tá certo? Ela era quem apresentava. Eu sei que ela foi embora pra São Paulo e não voltou mais. O Tom foi embora. Tá ganhando um tubo de dinheiro, como humorista, melhor que jornalista. E eu continuei como jornalista, liso como eu tô, no mesmo Nordeste Rural. Ele (o Tom Cavalcante) sempre que vem aqui diz: "Macho tu ainda tá nisso?". E eu respondo: "E eu vou fazer o quê? Eu sei fazer o povo rir macho? Só sei fazer isso aqui, tenho que ficar por aqui mesmo, você não".

Então o Nordeste Rural tem 10 anos, mais ou menos 10 anos, oito anos sei lá que eu faço o programa. Jornal Hoje, ainda recentemente eu

“Ele (Gomes Farias) disse: ‘Tom Barros, eu cheguei lá em Sobral... no interior e as pessoas beijavam a minha mão’. E eu pensei: ‘rapaz, deixa de conversa’.”

tava lá - é a mesma coisa: "Manda chamar o Tom que ele faz".

E assim essas participações nos meios de comunicação foi tudo por acaso... e tem mais: eu tinha saído da TV Ceará e parei de televisão definitivo. Parei, passei um bocadinho de tempo sem apresentar. Eu era do tempo da televisão que o sujeito tinha papel, tinha aquele jogo: olhar para a câmera, olhar para o papel, decorar mais ou menos o texto para olhar mais para a câmera e não para o papel. Quando eu voltei para a televisão, na Verdes Mares, já era TP.

Aí eu tive que me adaptar à nova situação e eu voltei para a televisão por dois motivos: primeiro, houve um problema sério uma discussão minha com a direção da rádio Verdes Mares e o certo é que... foi um negócio meio chato até... eu acho que foi o momento mais delicado que eu passei na rádio Verdes Mares nesses anos que eu tô trabalhando lá. Porque fui chamado pra uma reunião e queriam que eu fizesse um programa lá de 5 às 7 da noite e eu tentei convencer que o estilo daquele programa que eles estavam criando não

era um estilo meu, era o estilo para Paulo Oliveira... mas prá mim não! E a direção não gostou. E o certo é que quis me por ara fazer o programa e eu disse: "Rapaz, pois eu vou dizer uma coisa: eu não vou fazer o programa não, eu não vou..." E eles responderam: "Pois então não tem mais nada pra você fazer aqui não. Pode ir embora...". E eu me levantei da reunião e fui, constrangido, sabendo que vinha um problema pra cima de mim.

Eles insistiram: "Você veio prá cá prá dizer que não ia fazer o programa?". Respondi que: "Eu tô sendo fiel comigo mesmo: esse estilo de programa eu não sei fazer, eu não vou me arriscar". Pois bem, quando foi no dia seguinte eu tava fora da escala, fora da escala, de tudo... fora da escala... que diabo é isso?

Entrevista - *Isso foi quando?*

Tom Barros - Foi quando o Paulo Oliveira foi pra lá, que eu tinha saído do "Crime Não Compensa" (programa de rádio) e eles queriam que eu fosse pra esse programa à tarde. E eu sai de tudo e passei uma semana fora do ar, chegava lá na rádio e não tinha nada pra eu fazer. Então vou esperar meu bilhete azul, né? Esperei... quando foi depois eu recebi um recado um recado do Edilmar Norões: "Rapaz hoje aquele desentendimento aí e tal... mas ninguém tem interesse de brigar com você não... Vamos fazer um acordo aqui: você vai comentar futebol na televisão duas vezes por semana." Foi quando eu voltei pra televisão. "Você vai apresentar o comentário no Bom Dia Ceará duas vezes por semana e volta pro rádio no Notícias Verdes Mares e tal... o homem ficou chateado porque você não quis fazer o programa aí e tal..."

Pronto! Foi o momento mais difícil que eu passei na rádio Verdes Mares em termos de relacionamento com a Direção, por causa do programa. Aí eu voltei pra televisão através do comentário de futebol no Bom Dia Ceará. Como eu vivia por lá...

Entrevista - *Quando alguém do rádio vai pra a TV, parece que quebra aquela magia...*

Tom Barros - Eu tive uma resistência muito grande no começo na televisão. Hoje eu já tô engolindo melhor. Você vê aqui eu sempre falar no rádio. Mas jamais gostei da minha imagem na televisão. Eu sempre brinco com os câmeras: "Rapaz, close é pra Xuxa, que tem a pelezinha de bebê, a pele toda bonitinha..." "Prá mim, um close... uma cara feio desse, não tem condição! Você tem que botar aí um plano mais aberto pra mim."

Sobre a mesa, três garrafas de água mineral permaneceram intactas durante toda a entrevista.

Mas sempre eu digo: "Qual é o plano?" A primeira coisa que eu pergunto: "Não dá pra abrir um pouquinho não? Rapaz, pra Jornal do 10 é 3X4. Já pensou? Essa cara aqui, cheia de buracos..." (risos) A televisão, meu amigo, acaba com o sujeito.

Então, você tem que fazer uma adequação da coisa, né? No 'Nordeste Rural', vez por outra, eu tô mandando: "Afasta um pouquinho". Eu não gosto da minha imagem até hoje.

Entrevista - Tom, e a questão do seu tempo? Como é que você divide o seu tempo?

Tom Barros - O dia todo eu divido... Cinco da manhã eu acordo, vou pra Rádio Verdes Mares. Cinco e meia, mais ou menos, quinze para as seis, eu tô chegando lá. Faço o 'Rádio Notícias Verdes Mares'. Quando tem dia de televisão, como hoje por exemplo, eu dou lá um pulinho na televisão de sete às sete e dez. Terminado, eu corro para o comentário do Paulo Oliveira. Fico até sete e trinta e cinco, sete e quarenta.

Sete e quarenta eu vou para o jornal. Dou lá uma lida nos jornais e vejo o que posso adiantar na parte morta da coluna - morta que eu chamo é aquela matéria que a gente pode botar na coluna, por exemplo, o 'Recordando', que eu posso fazer logo, né? Já dou uma adiantada. Vou lá para o 'Nordeste Rural' pra ver as notícias que estão sendo selecionadas para o domingo.

À tarde, não. Aí eu vou fechar mesmo, vou pra coluna pra poder fazer o restante. Tem o noticiário de esporte na Rádio Verdes Mares que eu faço... eu participo, não faço. Eu participo do noticiário de esporte. Fechada a coluna, à noite, eu volto pra casa.

Entrevista - A que horas?

Tom Barros - Tem dia chego em casa por volta de uma da manhã. Mas é exceção. Se eu chegasse todo dia a uma hora da manhã, eu morria. Eu tô chegando na faixa de oito e meia, nove horas, por aí. Mas, eu estou muito adaptado a esse tipo de coisa.

Entrevista - Passa o dia todo no trabalho...

Tom Barros - Passo.

Entrevista - E a relação dessa falta de tempo e da sua fama com a sua família e casamentos?

Tom Barros - Vixe Maria! (risos) O negócio de casamento é uma coisa terrível. Dizem que eu sou um excelente pai; um filho muito legal, porreta, mesmo; e um péssimo marido, né? Eu

nunca aceitei essa idéia de péssimo marido, não. Até porque as minhas ex-mulheres (por ordem: Maria Neide Gouveia Bastos, Cléia Maria Otoni Rodrigues e Elizabete Almeida Josué), eu me dou muito bem com elas, falo com todas. E eu sempre fiz um divórcio amigável com todas elas. Dona Fátima (chefe do Departamento Pessoal do Sistema Verdes Mares), lá do departamento social, se escandaliza e diz: "Puxa vida, você já casou três vezes, e nunca chegou nada da justiça para descontar em folha. Absolutamente, coisa nenhuma aqui na Rádio Verdes Mares."

Eu expliquei pra ela: "Dona Fátima, eu acho que o homem tem que ser honesto no que faz. Se eu assumi um compromisso na hora do divórcio, não é preciso que ninguém mande descontar dinheiro na folha de pagamento, não. Pode deixar que eu mesmo tiro o meu dinheiro, mando depositar e pago as coisas." E devo dizer que eu nunca dei à nenhuma das ex-mulheres minhas o dinheiro que foi combinado na justiça. Eu sempre dei um pouquinho mais. Quando sai o aumento, eu ligo

"O negócio de casamento é uma coisa terrível. Dizem que eu sou um excelente pai; um filho muito legal, porreta mesmo; e um péssimo marido, né?"

pra ela: "Ligue lá para Dona Fátima pra saber quanto foi o aumento do mês." Pra elas conferirem. Elas nem conferem mais. Porque sabem que eu faço questão... Por quê? Pôxa, a Cléia tem um filho meu: Marcelo. No que eu posso ajudar eu tô lá. A Neide, dois filhos. Esses daí cresceram, já casaram: o Hannover e a Jeanine, né? O casamento que eu tenho agora é a Beth, né? O casamento anda assim meio pendurado... Eu não tenho filho não. E eu tive aí um casamento que não foi um casamento oficializado em cartório, nada. Mas, é coisa que eu até gostei imensamente. Não dei valor ter terminado, não. E, dizem as minhas ex-mulheres, que foi pra eu pagar: "Você deixou a gente, pois agora também tem uma aí que não tá dando certo. Se bem que ela não me deixou, não. Essa criatura... humm... o marido dela voltou e...."

Entrevista - O marido dela...

Tom Barros - Foi um negócio chato que só. Aí pronto, e tive que aceitar mesmo.

Entrevista - Como é que influencia essa coisa do Tom jornalista para o Vitor (Vitor Hannover, filho do Tom Barros que é repórter da TV Verdes Mares)...

Tom Barros - Eu procuro mostra pra ele sempre: "Cuidado com político, cuidado com dirigente de clube, cuidado com esse pessoal." É manter sempre a distância, sempre a distância regulamentar porque é aí que começa. Eu conheço muito bem essa parte. Então, essa é a minha pregação em cima dele. Esse pessoal é muito insinuante, pega uma pessoa com menos experiência aí... sei lá o que acontece, né? A gente tem que arregalar os olhos.

Entrevista - E em relação a esses jornalistas mais antigos que estão sendo marginalizados, substituídos pelos mais jovens por questões salariais e por questões tecnológicas, como é que você vê isso? Como é que você vê o profissional do jornalismo que, até mesmo sem querer, tá tendo que se aposentar porque não tem mais espaço no mercado?

Tom Barros - É mais um problema que nós vamos ter na profissão. Eu, quando viajo para transmitir futebol, eu presto muita atenção no jornalismo de rádio, televisão nos outros países. Aí o que é que eu vejo? Há uma diferença muito grande: a preocupação com beleza é mais no Brasil. Bem mais. Nos Estados Unidos não. Os apresentadores... parece que eles qualificam exatamente pelo conteúdo da pessoa mesmo, e não pela beleza. A gente já observa isso. É diferente. Aqui não, aqui é um rostinho bonito etc. e tal.

Então, essa substituição tipo a do Cid Moreira, que eu achei dramática... esse é um problema que todos nós vamos enfrentar. E eu vi um caso desse acontecer na Rádio Verdes Mares que me doeu a alma. Eu era apresentador do rádio-notícias com o Mardônio Sampaio (radialista já falecido). Quando eu cheguei lá na rádio, tinham decidido que o Mardônio não iria mais apresentar. E, aquilo era a vida do Mardônio, apresentar aquele rádio-notícias. Tava sacado.

"Rapaz, como é que esse rapaz vai chegar aqui amanhã? O que vocês vão dizer? Que o rapaz não vai mais se apresentar? Não, não vou aceitar um negócio desse de maneira nenhuma. Você tenha a dignidade de chegar na casa dele e dizer: 'rapaz, você tá sacado do noticiário'. Se ninguém tiver coragem, eu vou dizer. Eu não vou deixar fazer um negócio desses com o Mardônio, rapaz. Cara com trinta anos de emissora..."



Tom Barros adora cantar. De vez em quando, ele aparece cantando tango em algum programa de televisão.

Um dos momentos mais engraçados de sua carreira aconteceu quando apresentava o Bom Dia Ceará.



Escalado para uma entrevista em espanhol, Tom Barros colocaria em prova os seus conhecimentos no idioma.

E eu cheguei e disse: "Mardônio, houve isso, isso e isso". Rapaz, ele ficou branco como a parede! Ele foi sacado do noticiário. Quando o mais correto seria que chamassem o Mardônio: "Rapaz, você tá com problema de vista, você não tá lendo legal. Vamos tentar..."

Depois ele voltou a apresentar o noticiário comigo mesmo. Mas a dor que o Mardônio sentiu quando eu dei a notícia a ele, rapaz, foi um negócio de que eu nunca me esqueci. Fiquei profundamente feliz quando ele deu a volta por cima e voltou para o noticiário. Mas é um caso típico de situação assim: o camarada vai chegando naquela fase de idade... então vai chegar a hora da substituição. Isso... nós vamos ter que nos preparar: você, eu, todo mundo.

Entrevista - Então seria um processo natural?

Tom Barros - É um processo doloroso, mas é natural, que vai chegar. Eu já tô sentindo que minha hora na televisão... Ou faço operação plástica, ou vou sair. Não tem pra onde. Vão aparecer já pessoas... É natural. Já me ofereceram, um tempo aí, uma cirurgia, né? Aí eu cheguei lá, me deitei lá - viu Ronaldo? - ela puxou aqui, ó: "Pronto, essa já foi embora, essa rugazinha." Puxou outra aqui. Rapaz, você fica novinho. Me venceuu...

E eu ali, rapaz: "Eu mesmo não vou fazer esse negócio, não." "E, minha senhora, me diga uma coisa, como é a técnica? Pega essa cabeça que tá ali e me diga como é." Rapaz, quando ela pegou a cabeça e veio me dizer o que ia fazer, eu disse: "Não, minha senhora, eu perco meus empregos tudinho, viu? Eu não vou fazer isso não." Me levantei e fui embora. Ia cortar aqui e puxar minha cabeça pra trás. Isso é conversa, rapaz!" (risos)

Esses artistas vão se submeter a uma cirurgia - como essa que ia morrendo agora, né? - em nome da beleza. Eu não acho que isso seja correto, não. Tem que ver o conteúdo. Mas, tem a hora que a gente vai ter que pagar... Muito sério...

Aliás, a nossa profissão... nós pagamos muito. Quer ver? Por conta de um comentário, eu fui processado durante dois anos e meio. Queriam me botar na cadeia, três juizes de Direito: Maria Odele de Paula Pessoa, Rômulo Moreira de Deus e Belmino Evangelino, o pai do Belmino. O Belmino foi até falar com ele: "Papai, o senhor tá ficando doido?"

Agora, por quê? Por conta de um comentário que eu fiz. Aí verna histó-

ria do Direito, da importância de você conhecer um pouco da lei. Veja bem, eu fiz um comentário e os juizes acharam que eu tinha chamado-os de venais. Interpelaram judicialmente e eu respondi dizendo que eu não tinha feito o que eles diziam. Mas justifiquei e não aceitaram minha resposta de interpeção. Entraram com uma ação contra mim. Lá verna confusão com a Rádio Verdes Mares... Tô lá quando entra um oficial de Justiça me cita. Agora, sim. Peguei a fita. Rapaz, a minha sorte foi a fita.

Agora veja o risco que nós corremos, nós jornalistas. Veja bem, foi um negócio incrível, isso serve até de experiência para vocês. Eu digo: "O juiz vem, dá liberdade a quem não pode e deixa preso a quem pode." "O juiz vem, dá liberdade..." Eu digo: "o juiz chega, dá liberdade". Eles traduziram na fita: "O juiz vende a liberdade..." "Tá chamando o homem de venal". Pronto, me

“O camarada vai chegando naquela fase de idade... então vai Chegar a hora da substituição. Isso, nós vamos ter que nos preparar: você, eu, todo mundo.”

arrebentei todo. E tome processo!

Meu amigo, por causa de uma palavrinha dessa, de uma tradução errada, quase que eu me arrebente. O troço terminou em Brasília numa confusão terrível. Eu tendo que ir pro fórum responder esse processo!

Então eu cheguei: "Você conhece geral do Maracanã?" Ele disse: "Quem é esse? O que ele tem a ver com essa coisa?" "Ele quem?" (Tom rebate) "Esse Geraldo Maracanã." "E quem foi que falou Geraldo Maracanã aqui? Eu? Eu tô falando *geral do Maracanã*. Ingresso, geral do PV, geral do Castelhão, geral do Maracanã. É isso que tá acontecendo aqui. Eu não tô falando 'o juiz vende a liberdade', não. 'O juiz vem, dá liberdade...' Na tradução da fita é que saiu errado."

Por causa desse troço aí, você não queira saber o que eu sofri de perseguição, de tudo. Então, a responsabilidade de no comentário... até numa pequena palavra você pode entrar. Foi terrível. "Vende a liberdade..." Negócio sério... no rádio, precisa o camarada medir e pensar até a mínima palavra que ele vai dizer.

Entrevista - Falando do futuro - de volta para o futuro - ainda tem alguma coisa que você não fez na vida e que você quer fazer?

Tom Barros - Tem só uma coisa que eu vou fazer, pelo menos tô pretendendo fazer esse ano, que é aprender a voar sozinho. Subir e descer um avião ali no Aeroclube do Ceará. Isso é o que eu estou pretendendo. E, naturalmente, um outro sonho que é mais fácil de realizar - basta grana - que é ir a Moscou.

Entrevista - Por que Moscou?

Tom Barros - Eu sempre tive uma admiração pelas coisas da Rússia, pela música...

Entrevista - Pelo regime também?

Tom Barros - Pela música principalmente. E a cidade de Moscou, pelas fotos que eu vejo. E eu também tinha admiração pelo regime também. Eu acho que o socialismo, ele trouxe uma mensagem que não pode jamais ser esquecida, porque muito do que a gente sonhou em termos de melhoria, reconhecimento do trabalhador, veio exatamente por conta daquele movimento ali.

Entrevista - Você teve alguma atuação política?

Tom Barros - Não, eu fui muito fraco nessa parte, muito fraco neste assunto. Não diria omisso total, mas eu não fui como poderia ter sido, não. Talvez até por ter despertado mais para o lado do esporte que a gente não se envolveu muito com a questão política, né? Tava muito voltado para o negócio do futebol. Aquilo anestesia, tem um certo ponto que é até ruim. Eu acho que foi ruim. De certa parte porque eu me envolvi, daí me esqueci muito desse lado. Para isso, vim despertar depois.

Entrevista - Tom, disseram que quando você canta tango, você pára o quartirão! Como é que é...

Tom Barros - Eu canto assim brincando, né? Eu gosto de cantar mesmo. Quando tem um violão... Quando aparece um violão - por exemplo, aquele conjunto do Macaúba (só conhecido pelo apelido mesmo) - eu gosto de cantar. Agora, se for ouvir música, eu sou a la Themistocles de Castro e Silva nessa parte: da velha guarda, música da velha guarda. Orlando Silva, Nelson Gonçalves, esse pessoal todo aí é que eu gosto. As pessoas gostam da minha voz. Eu não sei... eu nunca quis ser cantor porque eu acho que não tenho padrão de voz para ser cantor. Como ser estereio amador até vai, mas para ser cantor profissional, não dá não.

Sem entender nada do que entrevistado diz, e sem formar nenhuma frase com sentido. Tom Barros não soube o que fazer.

Entrevista - Tom. *eu queria que você falasse um pouquinho da paixão pela aviação.*

Tom Barros - A aviação é um fascínio na minha vida. Eu não sei o que diabo é que quando eu vejo um avião é uma coisa que muda totalmente... eu me transporto. É uma paixão louca! Se eu tivesse sido fiel, em minha vida, às mulheres como sou ao avião... Louco por avião...

Entrevista - Como foi...

Tom Barros - Eu não sei. Menino, 4 anos de idade, 5 anos. Se não me falha a memória, uma exposição da Semana da Asa. Diz a minha mãe que eu já fiquei louco vendo do avião. Ainda fiz o exame para a Escola da Aeronáutica.

Não passei. A Escola da Aeronáutica é muito exigente em relação à saúde; vista, principalmente. E por aí vai. Eu não consegui ser o aviador que queria ser, não. Mas a admiração pela aviação é muito grande, muito intensa. Tanto assim que, eu aqui com 50 de idade - agora que eu tô tendo um tempinho - eu tô vendo se vou lá pra ter o prazer de dizer: "Eu pilotei um avião, Subi um avião, desci um avião, eu mesmo." Porque, lá em cima, a gente já manobra alguma coisa com os amigos.. Mas, eu quero eu... ter o prazer de subir e descer o avião.

Entrevista - Se você pudesse voltar no tempo, mexer em algo, você faria isso?

Tom Barros - Eu veria uma parte. Por exemplo, essa parte da aviação, eu faria melhor. Eu teria cuidado melhor da aviação, certo? Poderia ter me dedicado mais. Se bem que, na época que eu entrei no rádio, eu precisava de dinheiro e na aviação precisava gastar, né? Você sendo piloto civil, pagando o Aeroclub é caro. Na época não tinha dinheiro, tinha que trabalhar. Mas, se eu começasse hoje, talvez eu fosse juntar dinheiro trabalhando para aí fazer o curso que eu queria. Mas sem deixar... porque o rádio, também, é uma coisa que me fascina muito. Agora, a aviação é que é pra valer mesmo... *(Tom fica com ar de sonhador e voa...)*



O Diretor de TV interveio. Após um 'gracias' meio tímido, deu um fim na entrevista. O programa era ao vivo, e pra todo o estado.